

PLANO DE AULA

1. TEMA: Deus - provas de sua existência

2. OBJETIVO: A criança deverá perceber que tudo aquilo não feito pelo homem é obra de Deus, a inteligência suprema do Universo.

3. BIBLIOGRAFIA:

LE, 1 e 4 a 9.

Ge, cap. 2.

O Grande Enigma (Léon Denis), cap. 1.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Narração.

Conta-se que certo homem, que tinha um amigo que negava, com muita convicção, a existência de Deus, convidou-o um dia a examinar um delicadíssimo mecanismo de um relógio de precisão. Tratava-se realmente de um primor de mecânica e de capricho, nos menores detalhes. O convidado, depois de examinar minuciosamente a máquina, muito impressionado, perguntou àquele que o levava a ver o precioso relógio, quem havia sido o construtor de tão extraordinária máquina. Como resposta, ouviu: “Ela se fez por si mesma, por acaso.” O outro respondeu imediatamente: “Que brincadeira mais sem graça! Como pode uma máquina tão perfeita ser obra de ninguém, do acaso!” Finalizando a conversa, o outro disse-lhe: “Pois é; você não acredita que o acaso possa construir um relógio, mas acredita que pode criar seres humanos, animais, vegetais. Além disso estabelecer leis que governam os sóis, os planetas, tudo, enfim! Você já ouviu dizer que pela obra se conhece o autor?”

b) Desenvolvimento: Exposição.

Será que Deus existe? Como aceitar a sua existência, se não podemos vê-lo? Se existe, como podemos provar a sua existência? Estas e outras perguntas são freqüentemente formuladas por muitas pessoas, como da estória que acabamos de contar.

A questão da existência de Deus tem sido alvo de estudos por parte de filósofos, cientistas, historiadores, etc., sempre levantando hipóteses, dúvidas, perguntas sobre o assunto. Por outro lado, entretanto, muitos são os que acreditam em sua existência, não colocando a menor dúvida sobre isso. Mas, o que diz a Doutrina Espírita a respeito de tal questão? Este é o assunto da nossa aula de hoje.

De um modo geral, todos trazemos dentro de nós a intuição, um sentimento íntimo da existência de Deus. Esse sentimento podemos encontrá-lo entre todos os povos do planeta, cada qual manifestando, à sua maneira, a certeza da existência de uma força superior. Cada povo, com suas crenças religiosas próprias, demonstra como percebe ou sente a existência dessa inteligência suprema, denominando-a de várias maneiras: Deus, Alá, Jeová, etc..

A crença numa força superior sempre esteve presente nas sociedades humanas, desde as mais primitivas. Entre os gregos, que eram politeístas, ou seja, que admitiam a existência de vários deuses, havia um que a tudo comandava, superior a todos os demais, ao qual denominavam de Zeus. Do mesmo modo entre os romanos, cujo ser supremo era chamado Júpiter.

Entretanto, muitos são os que questionam ou duvidam da existência de Deus. Para estes, tudo o que existe seria fruto do acaso, ou seja, de um acontecimento cuja causa ou autor se ignora, não se conhece. Ora, a razão e o bom senso nos dizem que não podemos considerar o acaso como um ser inteligente, pois que o acaso é cego, não é nada e o nada não existe, e como não existe não pode produzir qualquer obra, qualquer efeito.

De acordo com o que já estudamos, Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, abrindo as perguntas de “O Livro dos Espíritos”, que é a obra principal da Doutrina, submete à Espiritualidade Superior o item nº 1: “Que é Deus?”, obtendo a seguinte resposta: “Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas”. Como vemos, os Espíritos Superiores nos ensinam que Deus é a inteligência máxima, o autor intelectual de tudo o que existe, o responsável primeiro pela criação universal.

Ainda Kardec, na mesma obra, item 4, perguntou aos Espíritos Superiores onde poderíamos encontrar a prova da existência de Deus. Eles responderam que “não há efeito sem causa”, ou seja, tudo o que existe (efeito) e não é obra do homem foi criado ou produzido por uma força ou poder superior, um ser supremo a que chamamos Deus (causa).

Assim, em outras palavras, basta-nos olhar ao nosso redor e veremos inúmeras coisas - animais, flores, rios, mares, a Lua, as estrelas, etc. - que não são obras do homem. Na realidade, tudo isso que encontramos na Terra já existia muito antes do aparecimento do homem sobre a sua superfície.

Além disso, podemos observar que tudo se encadeia no Universo, todas as suas forças e movimentos estão em constante harmonia: é só verificarmos o nosso Sistema Solar, e, em especial, a Terra e a Lua. O equilíbrio dos astros, os fenômenos celestes, etc., mostram a criação e a ação de um poder inteligente, que a tudo preside e controla sabiamente. A este ser superior, a esta inteligência suprema denominamos Deus.

Kardec escreve estas belas palavras sobre a questão da existência de Deus, logo após a resposta à questão nº 9 de “O Livro dos Espíritos”:

“Sejam quais forem os prodígios realizados pela inteligência humana, esta inteligência tem também uma causa e, quanto maior for a sua realização, maior deve ser a causa primária. Esta inteligência superior é a causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome pelo qual o homem a designe.”

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório (1) ou diálogo (2), com base na história abaixo, que deverá ser lida pelas crianças.

1. Sugestões de perguntas a serem feitas às crianças:

- Que é Deus?
- Pode-se aplicar o adágio: “Pelos efeitos se conhece a causa” em relação à existência de Deus?
- O acaso pode criar alguma coisa?
- Por que? O que o Espiritismo diz sobre isso?
- Onde podemos encontrar provas da existência de Deus? Dê exemplos.

2. História (Da obra *Idéias e Ilustrações* (Esp. Diversos / F. F. Xavier), cap. 37):

Conta-se que um velho árabe analfabeto orava com tanto fervor e com tanto carinho, cada noite, que, certa vez, o rico chefe da grande caravana chamou-o à sua presença e lhe perguntou:

– Por que oras com tanta fé? como sabes que Deus existe, quando nem ao menos sabes ler?

O crente fiel respondeu:

– Grande senhor, conheço a existência de Nosso Pai Celeste pelos sinais dele.

– Como assim? – indagou o chefe, admirado.

O servo humilde explicou-se:

– Quando o senhor recebe uma carta de pessoa ausente, como reconhece quem a escreveu?

– Pela letra.

– Quando o senhor recebe uma jóia, como é que se informa quanto ao autor dela?

– Pela marca do ourives.

O empregado sorriu e acrescentou:

– Quando ouve passos de animais, ao redor da tenda, como sabe, depois, se foi um carneiro, um cavalo ou um boi?

– Pelos rastros – respondeu o chefe surpreendido.

Então, o velho crente convidou-o para fora da barraca e, mostrando-lhe o céu, onde a Lua brilhava, cercada por multidões de estrelas, exclamou, respeitoso:

– Senhor, aqueles sinais, lá em cima, não podem ser dos homens!

Nesse momento, o orgulhoso caravaneiro, de olhos lacrimosos, ajoelhou-se na areia e começou a orar também.

Meimei

d) Material didático: Cópia da história, gravuras, desenhos representando a Terra, a Lua, plantas, etc.

PLANO DE AULA

1. TEMA: A prece - seu mecanismo.

2. OBJETIVO: Levar a criança a perceber como é importante o conhecimento do mecanismo da prece, de modo a valorizá-la em sua vida diária.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 6: 5 a 13.

ESE, cap. 27; LE, itens 658 a 666.

Entre a Terra e o Céu (A. Luiz / F. C. Xavier), cap. 1 e 16; Mecanismos da Mediunidade (A. Luiz / F. C. Xavier e Waldo Vieira), cap. 25; Opinião Espírita (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 18 e 59; Pensamento e Vida (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 26.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

O Evangelizador perguntará às crianças se sabem como chegam os sons e as imagens aos aparelhos de telecomunicação. Poderá até lembrar que antigamente muitas crianças pensavam que vinham só através de fios, vez que os rádios eram, em geral, ligados à rede elétrica. Mas hoje, há inúmeros aparelhos de comunicação à distância que funcionam apenas com baterias, principalmente o telefone móvel, chamado celular, sem ligação com fio algum. Chamar a atenção das crianças para o fato de que existem ondas que, embora não sejam registradas pelos nossos sentidos comuns, são portadoras de mensagens, impulsos, etc. Lembrar-lhes que assim também se movimentam as ondas mentais condutoras da prece.

b) Desenvolvimento: Exposição e trabalho em grupo.

O Evangelizador deverá inicialmente fazer uma pequena exposição oral e depois distribuir entre as crianças, individualmente ou em grupos, os textos e pedir-lhes que os estudem durante alguns minutos para depois os interpretarem. A turma ouvirá as exposições e as comentará. O Evangelizador esclarecerá os pontos obscuros.

Já estudamos o que é a prece, para que serve, bem como as maneiras ou modos de orar. Vimos, ainda, que Jesus orava sempre e nos ensinou a orar (o “Pai Nosso”). Nesta aula, estudaremos o mecanismo da prece, ou seja, como é que se realiza a ligação entre Deus e a criatura que ora. Por que é importante que conheçamos esse mecanismo? Como acontece esse processo de ligação? É o que veremos a seguir, com base nos ensinamentos doutrinários.

A prece é, quase sempre, veículo de pedidos; raramente a criatura ora para agradecer, e, muito mais raramente, para louvar. Entretanto, qualquer que seja o seu conteúdo, ela, além da mensagem de que é veículo, beneficia aquele que ora, pois ao orar a criatura melhora o seu padrão vibratório, pelo esforço que faz para entrar em sintonia com fontes mais elevadas da Vida. Assim, a prece gera um circuito de forças salutares, equilibrando e revigorando a pessoa que dela se utiliza. Segundo André Luiz, o homem vive numa “selva de pensamentos heterogêneos”, mentalmente submetido às mais diversas - e geralmente negativas - influências psíquicas. Por isto, necessita ele, para viver melhor e de modo saudável, de educar os seus impulsos, pelo aperfeiçoamento moral e intelectual. Para reforço desse aprimoramento, é importante que ele se utilize da oração a fim de obter a inspiração de que necessita, de modo a afinizar-se com a Espiritualidade Superior.

As vibrações mentais de quem ora, embora invisíveis para nós, encarnados, elevam-se por entre milhões de outras, de variadas espécies, em direção aos Planos Superiores, onde se encontram os Espíritos Amigos, que, em resposta, dirigem-nos ondas e vibrações de saúde, paz e harmonia, fortalecendo-nos a mente e o coração.

Entretanto, a prece não deve resumir-se apenas em pedir alguma coisa a Deus; o que devemos é, basicamente, pedir a compreensão daquilo que a Vontade Divina espera de nós, daquilo que Deus traçou para o nosso aperfeiçoamento íntimo, de modo que aproveitemos ao máximo a presente encarnação, no serviço ao semelhante, no amor ao próximo, pois que esse comportamento nos ajudará a ser felizes.

Quando o Espírito ao qual é destinada a prece não tem condições de atender ao pedido que lhe dirigimos, outros Espíritos poderão fazê-lo, segundo o merecimento de quem pede. Sabemos que só devemos pedir ajuda a Deus, a Jesus e aos Espíritos que já sabemos se encontram em situação de equilíbrio no Mundo Espiritual. Entretanto, muitas pessoas não sabem disso e oram pedindo ajuda, como no caso seguinte, relatado por André Luiz. (Entre a Terra e o Céu, cap. 1):

A jovem Evelina recorre à mãezinha desencarnada, solicitando-lhe ajuda para resolver problemas em seu lar, sem saber que a pobre genitora estava desequilibrada, presente no lar, concorrendo ela própria para a desarmonia, conforme relata um Espírito amigo que esteve presente no local:

“Ainda anteontem, pude vê-la. Chorava, comovedoramente, diante da fotografia da mãezinha desencarnada, suplicando-lhe proteção. Odila, porém, envolvida nas teias das próprias criações mentais, não se mostra capaz de corresponder à confiança e à ternura da menina. Ela, entretanto, tem insistido com tal vigor na obteção de socorro espiritual que as suas rogativas, quebrando a direção, chegaram até aqui, de tal modo...”

Fica claro que a oração de Evelina não fora registrada pela mãe, a quem era dirigida, pelo fato de ela estar numa faixa vibratória de revolta e até mesmo de ódio. Entretanto, a prece da jovem não ficou sem resposta. Pela vibração sincera com que foi proferida e pelos méritos espirituais de Evelina, a prece foi registrada em Planos Superiores e teve resposta à altura do merecimento de quem orou, pois foi o Ministro Clarêncio que, juntamente com André Luiz e outros Espíritos, quem movimentou recursos em favor do lar da jovem.

Ao tomar as providências iniciais, o Ministro Clarêncio explicou: *“Compreendem agora o que seja uma oração refratada? Evelina recorre ao espírito materno que não se encontra em condições de escutá-la, mas a solicitação não se perde... Deferida em elevada freqüência, a súplica de nossa irmãzinha vara os círculos inferiores e procura o apoio que não lhe faltará.”*

Como vemos, a prece, expressando desejos íntimos, se coloca, em termos de vibrações, na faixa própria que caracteriza a mente da criatura. Assim, quanto mais espiritualizada a pessoa, mais amplamente será beneficiada, pois que a sua oração estará revestida de nobreza, de vibrações boas, elevadas. Jesus, com o “Pai Nosso”, ensinou-nos uma prece simples, clara, direta, sincera, como deve ser toda prece que fizermos, para mais facilmente nos ligarmos com os Planos Superiores.

c) Fixação e/ou avaliação: Leitura e interpretação.

O Evangelizador deverá dar tempo suficiente às crianças para que procurem interpretar, com sua ajuda, os pequenos textos recebidos.

d) Material didático: Tiras de papel com perguntas e respostas.

\$ -
Como funciona a prece? Devemos sempre nos dirigir a Deus, ou podemos nos dirigir aos Espíritos?

“Pode-se orar aos bons Espíritos, como sendo mensageiros de Deus e os executores de suas vontades.” (LE, item 666).

\$ -
Pode-se, com utilidade, orar em favor de outra pessoa?

“O Espírito de quem ora atua pela sua vontade de praticar o bem. Atrai a si, mediante a prece, os bons Espíritos e este se associa ao bem que deseja fazer.” (LE, item 662).

\$ -
Será útil que oremos pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? E, neste caso, como a prece pode proporcionar-lhes alívio e abreviar seus sofrimentos?

“A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe um testemunho do interesse que inspira àquele que pede por ela e também porque o desgraçado sente sempre um refrigério, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. O desejo de melhorar-se, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores que o vão esclarecer, consolar-lhe e dar-lhe esperanças. (LE, item 664).

\$ -
Quem responde às preces?

“Em nome de Deus, as criaturas, tanto quanto possível, atendem às criaturas. Assim como possuímos em eletricidade os transformadores de energia para o adequado aproveitamento da força, temos igualmente, em todos os domínios do Universo, os transformadores da bênção, do socorro, do esclarecimento... (Entre a Terra e o Céu, cap. 1).

\$ -
Todas as preces alcançam os Planos Superiores?

“Conforme a sua natureza, paira na região em que foi emitida ou eleva-se mais, ou menos, recebendo a resposta imediata ou remota, segundo as finalidades a que se destina. (Entre a Terra e o Céu, cap. 1).

\$ -
A natureza do pedido pode alterar o rumo da prece?

Sim, pois quando desejamos coisas corriqueiras movimentamos forças do mesmo nível; quando a nossa prece tem fins mais elevados vai movimentar Espíritos de esferas mais altas.

“Desejos banais encontram realização próxima na própria esfera em que surgem. Impulsos de expressão algo mais nobres são amparados pelas almas que se enobreceram.” (Entre a Terra e o Céu, cap. 1).

\$ -
O grau intelectual da pessoa influi na eficácia da prece? Ou seja, a prece de uma pessoa com mais estudos tem mais poder do que a de uma pessoa menos culta?

“...somente a conduta reta sustenta o reto pensamento e, de posse do reto pensamento, a oração, qualquer que seja o nosso grau de cultura intelectual, é o mais elevado toque de indução para que nos coloquemos, para logo em regime de comunhão com as Esferas Superiores.” (Mecanismos da Mediunidade, cap. 25).

PLANO DE AULA

1. TEMA: A Missão dos Profetas

2. OBJETIVO: A criança deverá conhecer a importância do papel representado pelos profetas junto ao povo hebreu, na preservação da idéia do Deus único e na preparação desse povo para receber Jesus. Deverá também ter consciência de que o exercício do profetismo é atividade de todos os tempos.

3. BIBLIOGRAFIA:

Joel, 2: 28 e 29; 1 Reis, 18: 22 a 46; 19: 1 a 7; Daniel, 5: 24 a 31.
At, 2: 17 e 18; 21: 10.
ESE, 21: 4; GE, 27: 59 a 61; LE, 622 a 624.
O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), itens 275 a 280.
Dicionário da Bíblia (John D. Davis).

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

O Evangelizador deverá pedir às crianças que digam o que sabem sobre Isaías, Jeremias, Elias, Miquéias, Zacarias, Malaquias, Jonas, Joel. Se disserem ter ouvido falar de alguns deles e não souberem quem são, dizer que são profetas bíblicos e que hoje vamos estudar a importância do papel que representaram no mundo.

b) Desenvolvimento: Narração.

As atividades mediúnicas são conhecidas desde tempos remotos em todo o mundo. Documentos históricos antiquíssimos falam de manifestações de Espíritos, tendo cada povo descrito o fenômeno de acordo com a sua época, os seus costumes e o seu grau de evolução.

Entre os egípcios, os hindus, os gregos e os romanos a prática mediúnica foi registrada sob os mais variados nomes, quase sempre exercida por mulheres, que eram chamadas pítias, pitonisas, sibilas. Entre os hebreus, essa prática recebeu o nome de profetismo e foi quase sempre exercida por homens. A atuação dos profetas no seio do povo judaico se deu num volume muito maior do que entre outros povos e foi muito marcante, pois deu forma e conteúdo ao próprio Judaísmo, como religião.

O povo hebreu, tradicionalmente religioso, tinha através do profeta a manifestação da vontade do Alto. Foi em torno do profetismo que se formou a nação judaica, a começar por Moisés, o chamado pai dos profetas, que assumiu a liderança daquele povo, tirando-o da escravidão egípcia. À época de Moisés, aquele agrupamento humano ainda não constituía verdadeiramente uma nação. Moisés era mais que um líder religioso, pois era também político e, embora não tivesse propriamente seguido a carreira militar, muitas vezes agiu como tal. Mas, sobretudo, era o profeta da sua gente, o seu médium. Através dele é que a Espiritualidade Superior pôde orientar o povo nas decisões a serem tomadas com vistas ao futuro. O monoteísmo foi preservado graças à atuação dos profetas, a começar por Moisés.

De modo geral, atribui-se aos profetas a faculdade de adivinhar o futuro, mas não era só esse o papel que os profetas desempenhavam entre os hebreus. Entre o povo em geral, o profeta era aquele homem dotado de poderes espirituais que lhe permitiam curar, ensinar o caminho do bem, aconselhar, admoestar. Agiam os profetas como intermediários entre o povo e os poderes espirituais, mas não gozavam das prerrogativas dos sacerdotes. A superioridade do papel desempenhado pelos profetas é facilmente constatável pelos registros históricos, vez que os nomes de muitos deles permanecem lembrados até hoje, enquanto que os nomes de quase todos sacerdotes foram esquecidos.

Os profetas eram muito mais queridos e respeitados pelo povo do que os sacerdotes. O sacerdócio era muitas vezes exercido por pessoas muito mais ligadas aos poderes da Terra do que aos do Mundo Espiritual. Eram, os sacerdotes, como que funcionários da religião ou do templo, e exerciam, além do poder religioso, o poder civil. Já os profetas — a não ser quando eram chamados a aconselhar os governantes — desempenhavam

suas missões no campo espiritual, não se envolvendo com questões materiais. Junto do povo, suas atividades eram todas no campo religioso. Por isso eram chamados “homens santos”, “homens de Deus”. Eram homens pobres, que se vestiam de maneira muito simples, alimentavam-se frugalmente, às vezes até mal.

Nas cortes de Israel, os profetas desempenharam papel relevante, pois eram acatados como intermediários do Alto junto aos governantes, cabendo-lhes, muitas vezes a difícil tarefa de admoestar reis despóticos, tirânicos, ambiciosos e prepotentes, sofrendo, com isso, duras punições, quando não a morte. Tenha-se como exemplo o caso do Profeta Isaías, que, segundo alguns autores, foi serrado ao meio. É a ele que se refere o Apóstolo Paulo: “E outros experimentaram escárnios e açoites e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados. (Hb, 11: 36 e 37).

O Profeta Elias advertiu severamente o rei Acab, que, influenciado pela sua mulher, Jezebel, desviou-se dos ensinamentos da Lei e entregou-se à idolatria, tendo mandado erigir um altar dedicado ao deus Baal. O Profeta predisse uma grande seca e depois recebeu ordem do Alto para refugiar-se durante muito tempo num lugar junto ao riacho Carit. Tempos depois, recebeu ordem para regressar, ocasião em que desafia os sacerdotes protegidos da rainha, no sentido de que eles fizessem vir um “sinal dos céus”, ou seja, que os sacerdotes fizessem incendiar um monte de lenha que lhe servia de altar. Como os sacerdotes não conseguiram, Elias, primeiramente, mandou despejar água em torno desse altar improvisado, a fim de evitar fraude. Depois orou e, como médium de efeitos físicos que era, provocou uma faísca, vinda do céu, que incendiou toda a lenha.

Os profetas eram respeitados pelas suas virtudes, embora tivessem suas falhas humanas. O livro “Didaquê”, ou “O Ensino do Senhor aos Seus Doze Apóstolos”, contém a recomendação: “O profeta para ser digno de respeito e acatamento deve ter piedade indubitável e conduta digna do Senhor.”

Os profetas tiveram um papel muito importante na formação do pensamento religioso judaico, na manutenção da idéia do Deus Único e na conservação do espírito religioso do povo, em cujo seio deveria nascer o Messias. O próprio nascimento do Messias foi anunciado por vários profetas. Essas profecias em relação à vinda do Salvador ajudaram a manter tanto o clima religioso propício à vinda de Jesus, quanto o campo onde o Mestre pôde lançar as sementes do seu Evangelho. Além disso, a espera do nascimento do Messias ajudou aquele povo a suportar duras provas e a manter-se unido

Nas demais correntes cristãs, além do Espiritismo, é crença comum que a missão dos profetas acabou, tendo sido João Batista o último profeta, aquele que veio preparar, na própria época, os caminhos do Messias. Entretanto, muitos anos depois da execução de João Batista, o Apóstolo Paulo recomenda que a mediunidade seja desenvolvida: “Segui a caridade, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar.” (1 Co, 14: 1). Além disso, mais ou menos na mesma época, João, o Evangelista, escreveu, na sua primeira carta: “Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.” (1 Jo, 4: 1). Por isso o Espiritismo ensina que o profetismo continuou depois de João Batista e continua até hoje, pois o Alto não cessou nunca de se manifestar, embora os que ousaram profetizar, durante a Idade Média, quando denunciados, pagavam com a vida o exercício da mediunidade.

Felizmente, desde o advento do Espiritismo, a mediunidade tem sido explicada pelos Espíritos e estudada e compreendida pelos homens. Por isso, a Humanidade já se pode beneficiar das luzes do Alto, sem o sacrifício a que foram submetidos os profetas de outras eras. No profetismo atual, podemos relacionar tanto profetas, quanto profetisas. Assim, dentre outros, podemos relacionar Zilda Gama, Yvonne A. Pereira, José Raul Teixeira, Divaldo Pereira Franco e, sobretudo, o profeta que ombreia com os maiores que o mundo conheceu, Francisco Cândido Xavier, o nosso Chico.

c) Fixação e avaliação: Teste certo/errado.

O Evangelizador deverá fazer cópias do quadro da folha seguinte e pedir às crianças que assinalem as opções, colocando um “C” ou um “E” diante das frases, conforme estiverem certas ou erradas:

d) Material didático: Cópias do exercício acima descrito.

\$

-

- Moisés é considerado o Pai dos Profetas.
- Houve profetas que foram perseguidos.
- Profeta é aquele cuja missão é apenas adivinhar acontecimentos futuros.
- A prática mediúnica começou entre os judeus.
- Os sacerdotes foram tão importantes quanto os profetas na formação da nação judaica.
- Os profetas ajudaram a preparar o povo para a vinda de Jesus.
- A chegada do Cristo foi anunciada por profetas.
- Os profetas hoje são conhecidos como médiuns.
- O Profeta Elias, pela sua mediunidade, produziu fenômeno físico.
- Os sacerdotes eram mais queridos do que os profetas pelo povo.

\$

-

- Moisés é considerado o Pai dos Profetas.
- Houve profetas que foram perseguidos.
- Profeta é aquele cuja missão é apenas adivinhar acontecimentos futuros.
- A prática mediúnica começou entre os judeus.
- Os sacerdotes foram tão importantes quanto os profetas na formação da nação judaica.
- Os profetas ajudaram a preparar o povo para a vinda de Jesus.
- A chegada do Cristo foi anunciada por profetas.
- Os profetas hoje são conhecidos como médiuns.
- O Profeta Elias, pela sua mediunidade, produziu fenômeno físico.
- Os sacerdotes eram mais queridos do que os profetas pelo povo.

\$

-

- Moisés é considerado o Pai dos Profetas.
- Houve profetas que foram perseguidos.
- Profeta é aquele cuja missão é apenas adivinhar acontecimentos futuros.
- A prática mediúnica começou entre os judeus.
- Os sacerdotes foram tão importantes quanto os profetas na formação da nação judaica.
- Os profetas ajudaram a preparar o povo para a vinda de Jesus.
- A chegada do Cristo foi anunciada por profetas.
- Os profetas hoje são conhecidos como médiuns.
- O Profeta Elias, pela sua mediunidade, produziu fenômeno físico.
- Os sacerdotes eram mais queridos do que os profetas pelo povo.

\$

-

- Moisés é considerado o Pai dos Profetas.
- Houve profetas que foram perseguidos.
- Profeta é aquele cuja missão é apenas adivinhar acontecimentos futuros.
- A prática mediúnica começou entre os judeus.
- Os sacerdotes foram tão importantes quanto os profetas na formação da nação judaica.
- Os profetas ajudaram a preparar o povo para a vinda de Jesus.
- A chegada do Cristo foi anunciada por profetas.
- Os profetas hoje são conhecidos como médiuns.
- O Profeta Elias, pela sua mediunidade, produziu fenômeno físico.
- Os sacerdotes eram mais queridos do que os profetas pelo povo.

\$

-

- Moisés é considerado o Pai dos Profetas.
- Houve profetas que foram perseguidos.
- Profeta é aquele cuja missão é apenas adivinhar acontecimentos futuros.
- A prática mediúnica começou entre os judeus.
- Os sacerdotes foram tão importantes quanto os profetas na formação da nação judaica.
- Os profetas ajudaram a preparar o povo para a vinda de Jesus.
- A chegada do Cristo foi anunciada por profetas.
- Os profetas hoje são conhecidos como médiuns.
- O Profeta Elias, pela sua mediunidade, produziu fenômeno físico.
- Os sacerdotes eram mais queridos do que os profetas pelo povo.

\$

-

PLANO DE AULA

1. TEMA: O Precursor - Missão de João Batista

2. OBJETIVO: A criança deverá reconhecer no Profeta João Batista o precursor do Messias, aquele que, anunciado durante séculos sucessivos, preparou o povo para receber os ensinamentos do Mestre.

3. BIBLIOGRAFIA:

Malaquias, 4: 5; 1 Reis, 18: 22 a 46; 19: 1 a 7; 2 Reis, 1: 8.
Mc, 1: 7; Jo, 1: 6,7 e 21; Mt, 3: 1 a 3, 11: 13 e 14, 17: 10 a 13; Lc, 1: 13 a 19.
Síntese de O Novo Testamento (Mínimus).
Dicionário da Bíblia (John D.Davis).

4. AULA:

a) **Incentivação inicial:** Interrogatório.

O Evangelizador deverá perguntar às crianças se já ouviram dizer que o Profeta João Batista foi o precursor de Jesus. Depois, perguntar o que significa a palavra *precursor*, verificando se coincide com o que dizem os dicionários: Precursor: “Que vem adiante de alguém anunciar a sua chegada.”

b) **Desenvolvimento:** Narração.

Conforme nos fala a Bíblia, a reencarnação do Profeta Elias era aguardada pelos Judeus, pois a sua volta seria o sinal da vinda do Messias, de quem ele seria o precursor, ou seja o preparador dos seus caminhos. “E eis que vos envio o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor.” (Malaquias, 4: 5).

Chegado o tempo, o seu renascimento foi anunciado a Zacarias, que o receberia como filho. Zacarias era um sacerdote do templo, casado com Isabel. O casal não tinha filhos e Isabel era considerada estéril. Naquele tempo, quando um casal não tinha filhos, a esterilidade era atribuída somente à mulher. Eles, que já não eram jovens, sempre pediram um filho a Deus, mas chegaram à idade madura sem que Deus lhes respondesse às orações.

O Evangelista Lucas diz que coube a Zacarias, naquele dia, oferecer o incenso no templo. Ao entrar no templo a fim de acender o incenso, como de costume, um Espírito lhe apareceu, ao lado do altar do incenso, e deu-lhe a seguinte notícia: “Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João; e terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe; e converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus; e irá adiante dele no espírito e na virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos; com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto.” (Lc, 1: 13 a 17).

Como se vê, o Espírito anunciou que o reencarnante teria uma grande missão, quando disse: “será grande diante do Senhor”. E ao dizer: “será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe”, reafirma que ele já trazia suas virtudes próprias, ou seja, que se tratava de um grande Espírito. Esse reencarnante era Elias, aquele que fora anunciado como o preparador do povo para receber a mensagem de Jesus. O fato de João ser a reencarnação do Profeta Elias é reafirmado pelo próprio Mestre: “Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir.” (Mt, 11: 13 e 14).

Elias, ao reencarnar-se como João Batista, conservou o mesmo hábito de vestir-se, como se vê: “E eles lhe disseram: Era um homem vestido de pelos e com os lombos cingidos de um cinto de couro. Então disse ele: É Elias, o tesbita.” (2 Reis, 1: 8). João Batista vestia-se do mesmo modo: “E este João tinha o seu vestido de pelos de camelo e um cinto de couro em torno dos seus lombos (...). (Mt, 3: 4).

Além disso, pode-se notar outro traço comum: eram profundamente corajosos, tendo ambos desafiado as rainhas do seu tempo. Elias enfrentou Jezebel, que protegia os 450 sacerdotes que, contrariando os ensinamentos de Moisés a respeito do Deus único, adoravam o deus Baal. (1 Reis, 18: 22 a 46; 19: 1 a 7). João Batista denunciou e

enfrentou Herodias, esposa do rei Herodes. Por causa da sua veemente pregação contra o erro, passou seus últimos dias na Terra encarcerado, por ordem de Herodes tetrarca, cujo relacionamento ilícito com Herodias, esposa do seu irmão Filipe, denunciara. Depois de ter sido mantido preso durante algum tempo, foi decapitado por ordem de Herodes, em atenção a um pedido que lhe fizera sua enteada Salomé, a mando de sua mãe, Herodias. (Mc, 6: 17 a 29; Lc, 3: 19 e 20).

Jesus, mais de uma vez, afirmou ser João Batista a reencarnação de Elias. Conforme se lê na passagem da transfiguração, ocorrida no Monte Tabor, o Mestre subiu ao monte com três discípulos: Pedro, Tiago e João. Depois de orar e de “seu rosto resplandecer como o sol e seus vestidos se tornarem brancos como a luz”, apareceram ao seu lado os Espíritos Moisés e Elias, que conversaram com ele. Depois que os dois Espíritos se foram, os discípulos estranharam o fato de Elias estar desencarnado, se as profecias diziam que ele se reencarnaria para preparar os caminhos do Messias, fato esse registrado por Mateus: “E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade, Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; mas digo-vos que Elias já veio, e não o reconheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o filho do homem. Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista.” (Mt, 17: 10 a 13).

A estranheza dos discípulos teve razão de ser, pois, segundo entendiam, Elias haveria de reencarnar para preparar os caminhos do Messias. Mas, segundo viam, se o Profeta estava desencarnado, de duas, uma: ou a profecia não se cumprira, ou Jesus não era o Messias. Vemos que, sem se perturbar, Jesus confirma as profecias, dizendo que Elias havia de vir e que já tinha vindo, mas não fora reconhecido como tal. Hoje o Espiritismo nos explica que o Espírito, no Mundo Espiritual, pode tomar quaisquer das formas que teve em suas vidas na Terra, desde que se se lembre delas, pois o corpo espiritual é modificável pela vontade do Espírito. É claro que não é qualquer Espírito que consegue modificar seu aspecto exterior. Só os Espíritos mais adiantados o conseguem. Foi o que aconteceu com Elias. Quando Jesus subiu ao Tabor com os três discípulos, João Batista já havia sido decapitado e, uma vez desencarnado, o Espírito, que se lembrava das formas que tivera quando encarnado tanto como Elias quanto João Batista, optou por aparecer com o aspecto que tivera, quando foi o grande profeta Elias.

João Batista tinha consciência da sua missão de preparador dos caminhos do Messias, conforme se lê no relato do Evangelista: “E pregava, dizendo: Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, ao qual não sou digno de, abaixando-me, desatar as correias de suas alparcas.” (Mc, 1: 7).

Embora tivesse plena consciência de que era o precursor do Messias, não se lembrava de que era a reencarnação de Elias, pois que fora beneficiado com a bênção do esquecimento do passado, como ocorre com a quase totalidade das criaturas encarnadas na Terra: “E perguntaram-lhe: Então que? És tu Elias? E disse: Não sou. És tu profeta? E respondeu: Não. Disseram-lhe, pois: Quem és? para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes de ti mesmo? Disse: Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.” (Jo, 1: 21 a 23). “E, naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia, e dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus. Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.” (Mt, 3: 1 a 3).

Os Judeus esperavam o Messias há séculos, mas sabiam que antes dele viria um precursor, a preparar-lhe os caminhos. Toda sua vida, dedicou-a João à preparação do povo judeu para a vinda de Jesus, falando com clareza e muito fervor à grande multidão que, de toda parte, afluía para ouvi-lo. Insistia sobre a necessidade do pronto arrependimento, porque o Reino de Deus estava próximo. Aqueles que acreditavam nele, depois de confessarem seus erros, eram por ele batizados nas águas do rio Jordão, o que levou o povo a chamar-lhe de João Batista para distingui-lo de outros de igual nome. O batismo que ele aplicava significava purificação, conforme entendeu Paulo, o Apóstolo: “Mas Paulo disse: Certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, Jesus Cristo.” (At, 19: 4).

“Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho, para que testificasse da luz; para que todos cressem por ele.” (Jo, 1: 6 e 7).

c) Fixação e avaliação: Exercício escrito.

O Evangelizador deverá reservar um tempo maior para a aplicação do exercício escrito, a fim de conversar com as crianças sobre o conteúdo das frases, enfatizando os pontos essenciais.

d) Material didático: Cópias do exercício acima.

Relacione as duas seqüências de frases, numerando-as:

01. Que quer dizer precursor?
02. Em que consistiu a missão de João Batista?
03. Como Zacarias ficou sabendo que seria pai de João?
04. Por que João Batista foi chamado *Precursor*?
05. Por que Jesus disse: "... é esse o Elias que havia de vir."
06. Quem apareceu ao lado de Jesus no Monte Tabor?
07. Por que os discípulos perguntaram: "Por que dizem os escribas que é mister que Elias venha primeiro?"
08. O que João quis dizer quando disse: "Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, ao qual não sou digno de, abaixando-me, desatar as correias de suas alparcas."
09. Por que João Batista disse que não era Elias?
10. Por que João era chamado *Batista*?

- Porque batizava com água, dizendo que depois dele viria o Messias, que batizaria com fogo.
- Que Jesus era muitíssimo mais adiantado do que ele.
- Porque ele veio preparar as pessoas, despertando-as para a chegada de Jesus.
- Aquele que vem adiante de alguém anunciar a sua chegada.
- Em mostrar às pessoas que era chegado o tempo da vinda do Messias.
- Um Espírito anunciou-lhe que ele seria pai de uma criança que seria a reencarnação do profeta Elias.
- Porque vinha sendo anunciada, há séculos, a volta de Elias.
- Moisés e Elias.
- Porque os escribas estudavam as profecias e sabiam-nas de cor, e havia várias profecias que diziam que Elias voltaria para preparar os caminhos do Messias.
- Porque, como quase todos nós, não se lembrava de outras encarnações.

Relacione as duas seqüências de frases, numerando-as:

01. Que quer dizer precursor?
02. Em que consistiu a missão de João Batista?
03. Como Zacarias ficou sabendo que seria pai de João?
04. Por que João Batista foi chamado *Precursor*?
05. Por que Jesus disse: "... é esse o Elias que havia de vir."
06. Quem apareceu ao lado de Jesus no Monte Tabor?
07. Por que os discípulos perguntaram: "Por que dizem os escribas que é mister que Elias venha primeiro?"
08. O que João quis dizer quando disse: "Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, ao qual não sou digno de, abaixando-me, desatar as correias de suas alparcas."
09. Por que João Batista disse que não era Elias?
10. Por que João era chamado *Batista*?

- Porque batizava com água, dizendo que depois dele viria o Messias, que batizaria com fogo.
- Que Jesus era muitíssimo mais adiantado do que ele.
- Porque ele veio preparar as pessoas, despertando-as para a chegada de Jesus.
- Aquele que vem adiante de alguém anunciar a sua chegada.
- Em mostrar às pessoas que era chegado o tempo da vinda do Messias.
- Um Espírito anunciou-lhe que ele seria pai de uma criança que seria a reencarnação do profeta Elias.
- Porque vinha sendo anunciada, há séculos, a volta de Elias.
- Moisés e Elias.
- Porque os escribas estudavam as profecias e sabiam-nas de cor, e havia várias profecias que diziam que Elias voltaria para preparar os caminhos do Messias.
- Porque, como quase todos nós, não se lembrava de outras encarnações.

PLANO DE AULA

1. TEMA: Os Chamados Milagres - o que foram, por que ocorreram

2. OBJETIVO: As crianças deverão ter a exata noção do que foram os fatos extraordinários, conhecidos como milagres, provocados por Jesus, vistos à luz da Doutrina Espírita.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 8: 1 a 4; 5 a 13; 23 a 27; 14: 15 a 33; Mc, 1: 21 a 28; 29 a 39; 5: 21 a 43; Lc, 2: 42 a 47; 4: 33 a 36; 5: 4 a 7; Jo, 2: 1 a 12; 4: 43 a 54; 14: 12.

LE, 447 a 454; 525 a 529; 536 a 540; LM, 2ª Parte, cap. 1; cap. 7, item 123; Ge, caps. 13 e 15.

Histórias que Jesus Contou; Caminho, Verdade e Vida (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 25; Pão Nosso (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 21; História do Espiritismo (A. Conan Doyle), caps. 3 e 9.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

O Evangelizador deverá utilizar um pequeno ímã para mostrar às crianças a sua capacidade de atrair partículas de ferro, sem haver contato direto entre eles. Levá-los, depois, a refletir sobre a naturalidade com que se observam certos fenômenos, quando já explicados pela Ciência. Lembrar conquistas da tecnologia moderna, como o fax, o telefone celular, o computador, que constituem recursos, sem dúvida, extraordinários, se vistos sem a devida explicação científica. Esses fenômenos de transmissão de voz, texto ou imagem à distância, se ocorressem em tempos passados, sem a necessária explicação científica seriam tomados como feitiçaria, bruxaria ou milagres.

b) Desenvolvimento: Diálogo.

Depois, dizer às crianças que os dicionários definem *milagre* como *coisa admirável, coisa extraordinária, surpreendente, algo que não se explica por causas naturais*. Segundo muitas pessoas, significa até mesmo um ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da natureza. Alguma coisa excepcional, isolada, que não se repete.

Vários fatos dessa natureza foram realizados ou vividos por Jesus durante a sua vida na Terra. Esses feitos foram tomados por milagrosos, exatamente pelo desconhecimento da energia mental, da mediunidade e da possibilidade de ação do Espírito sobre a matéria. Mas a Doutrina Espírita, revelando muitas verdades sobre o mundo dos espíritos e a influência destes na matéria, explicou a existência dos fluidos, dos fenômenos mediúnicos e anímicos, da força extraordinária da energia mental. O Espiritismo veio, assim, demonstrar que aqueles fatos, então considerados extraordinários, anormais, são perfeitamente naturais e não sobrenaturais. Alguns deles já foram alcançados até mesmo pela ciência moderna, como o da ressurreição dos mortos, que, conforme explica a Medicina, quando é possível de acontecer, nada tem de anormal.

Os chamados *milagres* de Jesus são explicáveis e, mesmo que, para alguns, a explicação não seja completa, certamente o será em breve, já que as pesquisas da Parapsicologia e da Física têm avançado muito e se aproximado das indagações acerca da vida espiritual.

Vejamos, como exemplo, as explicações dadas pela Doutrina Espírita para alguns dos chamados milagres relatados nos Evangelhos:

A pesca milagrosa (Lc, 5: 4 a 7): Jesus usou, para ver o cardume, a dupla vista (fenômeno medianímico), de modo que pôde indicar a Pedro o lugar exato onde jogar a rede.

Ressurreições (Mc, 5: 35 a 43; Jo, 11: 32 a 45): A Medicina moderna comprova que a morte biológica pode acontecer sem ainda haver a morte cerebral. Pesquisas já foram feitas com indivíduos que, depois de terem “morrido”, relatam, na sua volta ao corpo, situações que experimentaram durante os momentos em que estiveram fora dele. Muitos casos devem ter ocorrido de simples letargia ou catalepsia. Jesus mesmo o disse positivamente em relação à filha de Jairo: “Por que vos alvoroçais e chorais? a menina não está morta, mas dorme.” Certamente o Mestre usou a dupla vista, verificando que a ligação perispiritual não estava rompida.

As curas (Mt, 8: 1 a 4; 5 a 13; Mc, 1: 21 a 28; 29 a 39; Lc, 4: 33 a 36; 43 a 54): Aqui, sem dúvida, o agente terapêutico foi a irradiação fluídica de Jesus. No caso da mulher com perda de sangue, no de vários paráliticos e cegos curados, a explicação está na força fluídica de Jesus, força do seu amor pela humanidade, aliada à força atrativa dos doentes, comumente dita por Jesus, como fé. A fé, que era sempre ressaltada por Jesus, pode ter sido o elemento de sintonia com o Mestre. Estabelecida a sintonia, Jesus passava a comandar o mundo mental do doente, acelerando os processos curativos naturais. Hoje a Ciência médica já admite a influência da mente sobre o corpo físico.

Jesus caminha sobre as águas (Mt, 14: 22 a 33): Este fenômeno pode ter sido produzido da seguinte maneira: “Jesus, mesmo vivo, pôde aparecer sobre a água sob uma forma tangível, enquanto seu corpo carnal se encontrava em outro lugar; é a hipótese mais provável.” (GE, cap. 15, item 42). Além dessa possibilidade, Jesus poderia ter levitado, como o fizeram vários médiuns, entre eles Andrew Jackson Davis e Daniel Dunglas Home (História do Espiritismo, caps. 3 e 9).

A tempestade amainada (Mt, 8: 23 a 27): Jesus deve ter usado seus poderes sobre os elementos, como o fazem Espíritos muito menos evoluídos, que atuam nos fenômenos da Natureza, conforme os Espíritos responderam a Kardec (LE, 538).

A multiplicação dos pães e peixes (Mt, 14: 15 a 33): Kardec, em A Gênese, acha pouco provável que esse fenômeno tenha ocorrido como nos relatam os Evangelistas. Entretanto, nas sessões de materialização os Espíritos têm mostrado variada capacidade de atuação na própria estrutura da matéria, transformando-a. Se Espíritos, cuja evolução não pode, nem de longe, ser comparada com a de Jesus, podem atuar na constituição da matéria, o que não poderia o Mestre?

Os fatos relatados nos Evangelhos como milagres vão sendo paulatinamente explicados como naturais, com a evolução da compreensão humana, devida ao progresso da Ciência. Devemos nos lembrar de que Jesus não colocou olhos em órbitas vazias, nem fez aparecer uma perna em quem não a tinha...

Jesus, sem descer a pormenores, deixou ensinamento a respeito da capacidade que todos temos de progredir e de ir adquirindo o domínio das forças da Natureza, ao dizer: “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas...”(Jo, 14: 12).

Assim, podemos concluir que os chamados *milagres* são fenômenos perfeitamente explicáveis, nada havendo neles que represente derrogação das leis da Natureza. Quanto mais progride a Ciência, mais vem ela ratificar as explicações que a Doutrina Espírita tem dado a respeito de inúmeros fenômenos tidos por mágicos, milagrosos, mostrando estarem eles perfeitamente enquadrados nas leis da Natureza.

c) Fixação e avaliação: Interrogatório

O Evangelizador deverá solicitar a participação das crianças, da seguinte maneira:

1. Cite fatos extraordinários para o homem primitivo, que se tornaram corriqueiros com o progresso da compreensão humana.

(Respostas possíveis: o relâmpago, o raio, a eletricidade, o telefone, a televisão, os transplantes de órgãos, etc.)

2. Você tem alguma informação a respeito de curas acontecidas através de passes hoje em dia?

3. Cite alguns fenômenos mediúnicos que podem ser vistos pelos desavisados como milagres.

(Respostas possíveis: aparições, materializações de pessoas e de objetos, clarividência, etc.)

4. Qual a sua conclusão sobre a existência dos *milagres*?

d) Material didático: -----

PLANO DE AULA

1. TEMA: A Casa do Caminho

2. OBJETIVO: A criança deverá perceber que os ensinamentos de Jesus continuaram a ser divulgados e praticados pelos apóstolos e seus seguidores após a morte do Mestre, e que compete a nós outros, atualmente, continuar, por nossa vez, essa divulgação e prática, em benefício da comunidade em que vivemos.

3. BIBLIOGRAFIA:

At, 5: 16. Rm, 16: 3 e 5: 1Co, 14: 23; Fm, 1: 1 e 2.

LE, itens 886 a 888.

Paulo e Estêvão (Emmanuel / F. C. Xavier); A Casa do Caminho (Roque Jacintho).

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

Fazer às crianças as seguintes perguntas, ou outras semelhantes, visando a chamar-lhes a atenção para o assunto: “Vocês sabem como ficou a divulgação da doutrina de Jesus, logo após a sua morte? Os ensinamentos do Mestre continuaram a ser ensinados? Por quem? Alguém continuou, em seu nome, a praticar a assistência aos necessitados?”

b) Desenvolvimento: Narração.

Os Apóstolos tinham consciência de que o Mestre não trouxera à Terra uma religião extática, contemplativa. Pelo contrário, sabiam que Jesus ensinara e exemplificara uma nova concepção religiosa que, além dos ensinamentos teóricos, incluía a prática do amor ao próximo, materializada no socorro aos necessitados, tanto aos famintos, quanto aos necessitados do restabelecimento da saúde física ou mental. Por isso, após a desencarnação de Jesus, Pedro e outros Apóstolos, cumprindo as suas recomendações, no sentido de dar prosseguimento ao ensino e à prática da Boa Nova, fundaram, nos arredores de Jerusalém, uma comunidade de amparo a pessoas necessitadas.

Essa comunidade ficou conhecida como “Casa do Caminho”. Além do amparo a criaturas portadoras de obsessão – conhecidas na época como endemoninhadas –, nessa Casa era fornecida alimentação a um número imenso de famintos. Os enfermos eram tratados pela imposição de mãos - que conhecemos hoje como passe - e também pelos medicamentos caseiros conhecidos na época. Os casos mais graves eram atendidos, procedendo-se ao internamento do paciente, como se a Casa fosse um hospital, conforme Emmanuel relata no livro “Paulo e Estêvão”: quando Estêvão chegou, enfermo, com febre àquela casa, já havia outros 49 ocupando leitos de doentes.

Mas o trabalho desenvolvido na Casa do Caminho não se restringia apenas ao socorro dispensado aos famintos e aos doentes. Ali eram feitos estudos dos ensinamentos de Jesus, notadamente com base nas anotações de Levi (que mais tarde seria chamado Mateus).

Há referências à Casa do Caminho como Igreja do Caminho. Aqueles que lêem sem terem informação exata do que significa a palavra *igreja* poderão ter a impressão errônea de que se tratava de uma casa de oração, de um templo religioso, de um santuário. A palavra *igreja*, nos tempos apostólicos, significava comunidade, grupo de pessoas, reunião, e não necessariamente templo religioso. Paulo fundou várias igrejas, que, na verdade, eram núcleos cristãos familiares, como se pode ver facilmente nas suas cartas: “Saudai a Priscila e a Aquila, meus cooperadores em Cristo Jesus. Saudai também a igreja que está em sua casa (...)” (Rm, 16: 3 e 5). Essa não é uma referência isolada, pois o Apóstolo faz também referência a núcleos cristãos familiares em sua primeira Carta aos Coríntios (14: 23) e na que dirige a Filemon (Fm, 1: 1 e 2). A Casa do Caminho é o exemplo vivo do que deveriam ter sido os templos cristãos ao longo dos tempos. Infelizmente, com o passar dos anos, as lições do Mestre, que atendera pessoalmente aos necessitados, foi sendo esquecida. As casas religiosas passaram a ser locais tidos como santuários, de contemplação inoperante, de solenidades e de rituais luxuosos, de cânticos de louvor a Deus, enquanto os doentes do corpo e da alma foram ficando à margem das estradas do mundo.

Talvez, lembrando-se do ensino “nem só de pão vive o homem”, e pensando na necessidade da divulgação da Boa Nova, é que João propôs a Simão Pedro fossem sete auxiliares encarregados dos trabalhos de alimentação e de outras tarefas físicas, a fim de que os discípulos que tinham estado em contato com o Mestre dispusessem de

mais tempo para darem o seus testemunhos pessoais. Esse foi o primeiro trabalho de Estêvão. Tão logo se sentiu curado, iniciou o trabalho material junto aos necessitados. Entretanto, pelas palavras sempre cheias de conhecimento e de amor, Estêvão foi-se tornando conhecido e cada vez mais solicitado a falar, tornando-se, em pouco tempo, grande e corajoso pregador da Boa Nova.

O Espiritismo, trazendo-nos de volta os ensinamentos e os exemplos de Jesus e dos Apóstolos, procura instituir casas de trabalho e não casas de oração. Por isso é que nos centros espíritas há estudo, trabalho de passes, de desobsessão, de evangelização de crianças e de adultos. Além disso, há o socorro aos necessitados de amparo material, através da distribuição de enxovais para recém-nascidos, de roupas, de mantimentos e mesmo da sopa reconfortante.

É necessário que todos nós, que nos consideramos cristãos, paremos uns instantes nossas atividades e nos perguntemos: “Será que estou ajudando na implantação do Evangelho no mundo?” “Que posso fazer, no sentido de continuar a obra dos trabalhadores do caminho?” É de se notar que hoje as facilidades são imensamente maiores que naquele tempo. Hoje podemos aderir ao Cristo sem receio de prisão, de castigos físicos e, mesmo, de morte como era comum acontecer naqueles tempos...

O Evangelizador deverá recomendar às crianças a leitura do livro “Paulo e Estêvão”, o que poderá ser feito com grande proveito, no Culto do Evangelho no Lar.

c) Fixação e avaliação: Interrogatório.

O Evangelizador deverá fazer perguntas como as que se seguem: “Quem fundou a Casa do Caminho?” “Quando?” “Para quê?” “Onde se situava?” “O que decidiram fazer para que não fosse prejudicado o ensino da Boa Nova?” “Quem foi nomeado, entre os sete primeiros colaboradores?” “Como Estêvão conheceu Pedro?”

Após obter as respostas das crianças às perguntas acima, o Evangelizador distribuirá o “caça-palavras” abaixo, que deverá ser reproduzido, um para cada criança, ou para cada dupla, a fim de que sejam descobertas algumas palavras-chave da aula: CASA DO CAMINHO; JERUSALÉM; PAZ; SIMÃO PEDRO; PALAVRA DE JESUS.